

A DESCOBERTA DO INSÓLITO

LITERATURA NEGRA E LITERATURA
PERIFÉRICA NO BRASIL (1960-2020)

MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA

2ª edição

REVISTA E AMPLIADA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- 08 **No limiar de um turbilhão**
Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

PREFÁCIO

- 10 **A caixa de Pandora**
Elide Rugai Bastos

INTRODUÇÃO

- 16 ***A descoberta do insólito*, dez anos depois**

CAPÍTULO 1

- 24 **Literatura negra e marginal/periférica: ideias e problemas**

CAPÍTULO 2

- 88 **Marginalidade literária negra (anos 1970 e 1980)
e literatura marginal/periférica (anos 1990)**

CAPÍTULO 3

- 134 **Encontro na encruzilhada: literatura
negra e sociologia do negro**

CAPÍTULO 4

- 196 **Protesto, revolta e função social da literatura
e do teatro negros (1950-64)**

CAPÍTULO 5

- 244 **Sociologia da lacuna**

	CAPÍTULO 6
256	O povo e a cena histórica: <i>Quarto de despejo</i> e a integração do negro na sociedade de classes (1960-64)
	CAPÍTULO 7
314	Das ilusões perdidas à realidade das ruas: <i>Cadernos negros</i> , 1978
	CAPÍTULO 8
388	Contrastes e confrontos: <i>Cidade de Deus</i> , 1997
	CAPÍTULO 9
464	“Em que imprevisível dormita a História”: <i>Capão Pecado</i> , 2000
	CAPÍTULO 10
520	Pequena história sociológica de livrarias e editoras negras (1972-2020)
	POSFÁCIO
564	Revisitando o todo e as partes
570	AGRADECIMENTOS
572	REFERÊNCIAS
590	SOBRE O AUTOR

Apresentação

Ter empatia por causas que visam reduzir as desigualdades observadas no país ao longo da História pode ser considerado um movimento importante. Mas empatia não basta. É preciso garantir e proteger o direito a pertencer e a reconhecer-se no conjunto de narrativas, visões de mundo e eventos compartilhados socialmente. Por isso, o trabalho de pesquisadores e ativistas torna-se essencial, no sentido de recuperar, difundir e preservar tradições de luta e resistência de gerações de sujeitos e grupos historicamente oprimidos e subalternizados.

Um dos pilares da democracia é a representatividade. A despeito dos avanços dos últimos anos, ataques e desmontes evidenciam que há muito a ser feito. Quanto mais derrubarmos barreiras e integrarmos contribuições plurais, melhor será para a sociedade atual e futura. Nesse cenário, a dimensão artístico-cultural se destaca como um importante lugar de fala, protagonismo, comprometimento e afirmação do orgulho de ser quem se é. A hegemonia de determinados grupos, familiarizados com os dispositivos de acesso e legitimação do que deve ser consumido pela sociedade, concorreu para segregar parte significativa da produção cultural autodenominada negra e periférica. Ampliar a visibilidade de criações desses sujeitos e coletivos, por vezes ocultadas por sucessivos apagamentos, constitui uma tarefa permanente.

É nesse contexto que se insere a edição revista e ampliada deste *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)*, de Mário Augusto Medeiros da Silva, um consistente e vigoroso itinerário sociológico que desvela a existência de um universo criativo em ebulição – repleto de possibilidades e contradições, de encontros e desencontros –, salpicado de estrelas invisibilizadas por longo tempo. O meticuloso trabalho do pesquisador reforça a tese de estranhamentos e redescobertas inusitadas, pela constatação de um premeditado e retumbante silenciamento, e abre caminho para que novos leitores possam usufruir da potência dessas contribuições ainda pouco exploradas e plenas de novas conexões e horizontes.

Para o Sesc São Paulo, que tem as memórias e a diversidade como valores basilares, trata-se de sublinhar os princípios que orientam suas ações: democracia cultural, equidade, autonomia e cidadania por meio de processos socioeducativos. Além disso, vislumbra-se a oportunidade de contribuir para a difusão e a circulação desse turbilhão de vozes, capazes de transformar sujeitos, histórias e trajetórias ocultadas e menosprezadas em fonte de inspiração e referência para expressivos grupos da população brasileira.

É preciso coragem para fazer perguntas, pois perguntar é obrigar-se a buscar respostas. Estas podem provocar novas perguntas, que se colocam como consequências das primeiras ou, complexificando o caminho, induzem o retorno às indagações originárias. O mundo de ponta-cabeça: voltar atrás para compreender o agora. Esse é o desafio que Mário Augusto Medeiros da Silva enfrenta neste *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)*. Uma constatação acionou seu interesse de pesquisa: tanto a literatura negra quanto a periférica são e/ou foram denominadas marginais. Por que alguns escritos ou escritores só são identificados se adjetivados, como ocorre com o livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, ou com *Cidade de Deus* – um romance etnográfico de um (ex-)favelado? Várias questões presentes numa só que demandam muitas respostas, buscadas pelo autor em escritores e ativistas, atores dos grupos e das associações, em obras envolvidas com a temática, no processo de criação e recepção dos livros e nas reflexões da sociologia empenhada na explicação da sociedade brasileira e compromissada com a emancipação humana. Mais ainda, respostas que o obrigam a fazer novas interrogações.

A arquitetura do livro revela a preocupação de compreender o labirinto que circunda uma incômoda perplexidade: a marginalidade é um bem simbólico; isto é, funda relações entre parte do mundo intelectual e a população consumidora de literatura. Considerar a marginalidade como tema ou problema insere ambos no debate do tempo, na discussão das mudanças que se fazem necessárias, promove sua exposição na mídia ou, falando dos anos 1960-70, envolve-os na temática do desenvolvimento, então na ordem do dia. A produção literária sobre a marginalidade anima o mercado cultural. Através dela, reordenam-se signos presentes na cultura¹. O é – trata-se mesmo de uma afirmação – fica por minha conta, pois o autor, com competência e argúcia, constrói a narrativa de modo a que o leitor coloque o problema para si mesmo. Assim, desenrola a história; apresenta fatos, situações, livros, entrevistas, depoimentos; coloca perguntas incômodas; arrisca-se a fazer comentários um tanto irreverentes.

Lembro uma passagem significativa relatada por ele, que mostra Carolina de Jesus como “uma mulher entre dois mundos, perdendo lastro em ambos”. Consagrada por seu primeiro livro, publicado em 1960, já morando em um bairro de classe média, a escritora vivencia plenamente a discriminação em relação à negra, à ex-favelada e à catadora de

papéis, relato presente em *Casa de alvenaria* (1961). No início contente com a mudança de vida, pouco a pouco ela se torna crítica, deplorando não apenas o comportamento da vizinhança mas também o do público que a acolhe. Convidada a participar de debate após a apresentação da peça teatral baseada em *Quarto de despejo*, diz: “Circulei meu olhar pela plateia, contemplando aquela gente bem-vestida, bem nutrida. Ouvindo a palavra fome, abstrata para eles [...]. Percebi que *Dona Elite* encara o problema da favela com vergonha”¹¹. Comentando as intervenções, ela reconhece que as opiniões nada têm a ver com o sentimento e as razões que a levaram a escrever sobre sua vida. Sente-se desnorteada, fora do lugar. Demonstra a dimensão de seu desencanto com a frase final do livro: “Tomei um táxi e fui para minha casa”¹².

Talvez Carolina não tenha plena consciência, mas vivencia o sentimento de perceber que os participantes da reunião veem cada um dos elementos constituintes de sua vida como autônomos – pobreza, fome, discriminação, profissão, lugar social. Essa visão fragmentada configura o cerne da tragédia, pois denuncia a naturalização dos conflitos por parte da sociedade que, aparentemente, se mobiliza para solucionar um ou outro entre aqueles que define como problemas. O conhecimento de que vários trabalhos anteriores, como os de Lino Guedes, Gervásio de Moraes, Solano Trindade, Ruth Guimarães, Eduardo de Oliveira, Oswaldo de Camargo, para citar alguns, colocavam direta ou indiretamente a questão conduz Mário Augusto Medeiros da Silva a analisar como se dá o encontro entre a pesquisa sociológica e as diferentes associações negras.

Primeiramente a investigação patrocinada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em especial o estudo feito em São Paulo, onde a ligação entre Roger Bastide, Florestan Fernandes e essas associações é das mais importantes. Depois, em *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), encontra a análise que dá conta do conjunto direcionado a dois eixos articulados: a situação do negro e a sociedade envolvente. Não apenas porque Fernandes reflete sobre as razões da emergência das expressões de protesto e dos movimentos negros – o crescimento da urbanização e o surgimento de uma nova ordem –, mas também porque põe em questão as possibilidades de igualdade de condições de participação na ordem social competitiva. Elencando como, em relação ao negro, operam em conjunto a precariedade das condições de existência, a discriminação, os limites a uma profissionalização inclusiva, o difícil acesso à educação formal de qualidade, a pobreza e a